

A modernidade persiste no século XXI? **Uma reflexão sobre o tema na perspectiva da América Latina¹**

Cristiano Pinheiro de Paula Couto*
Mônica Karawejczyk**

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo, embasados em diferentes percepções teóricas, analisar o conceito de modernidade e a sua pertinência para a interpretação da realidade sociocultural da América Latina e, de modo mais específico, do Brasil. Na medida em que a modernidade pode ser considerada um epítome de variadas rupturas, não deve ser apresentada como categoria unívoca, com aplicação possível em todos os contextos. Em vez disso, defendemos que a modernidade tem, globalmente, múltiplas manifestações e, localmente, peculiares qualidades. Conseqüentemente, consideramos a idéia de modernidade paródica ou periférica resultado de argumentos ideológicos e falaciosos. Por fim, sustentamos que, para construir uma “modernidade substantiva”, a sociedade latino-americana deverá superar o seu aterrador e histórico “déficit democrático”.

Palavras-chave: modernidade, América Latina, pensamento social.

The concept of Modernity at the beginning of the 21st century
Is it still relevant? A reflection on the theme from the perspective of Latin America

Abstract: Founded on different theoretical approaches, this article aims to investigate the concept of Modernity and its pertinence to the interpretation of Latin American and, particularly, Brazilian sociocultural realities. It also elucidates that Modernity, as an epitome of a variety of ruptures, should not be considered as an univocal category. Instead, it ponders that Modernity has, globally, multiple manifestations, and, in each place, unique qualities. All this been so, the idea of a parodic or a peripheral Modernity could be regarded as a result of an ideological and fallacious argument. Finally, it emphasizes that as a mean to consolidate a “substantive Modernity” Latin American society should overcome it historic “democratic deficit”.

Key-words: Modernity, Latin America, social thought.

¹ Este artigo foi inspirado nas discussões da disciplina *Teoria e Metodologia de História*, ministrada no primeiro semestre de 2009 pela Prof^a Dr^a Céli Pinto, no âmbito do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

* Doutorando em História pela UFRGS. Mestre em História pela UFSC. Bacharel e Licenciado em História pela UFSC. Bolsista CAPES – dedicação exclusiva. E-mail: cristianoppe@gmail.com

** Doutoranda em História pela UFRGS. Mestre em História pela PUCRS. Bacharel e Licenciada em História pela UFRGS. Bolsista CNPQ – dedicação exclusiva. E-mail: monicaka@terra.com.br

Introdução

Em entrevista realizada em Montevideu, em abril de 1992, Maria Noel Lapoujade, professora da Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM, lançou a seguinte pergunta ao filósofo uruguaio Arturo Ardao: “¿Piensa que las concepciones posmodernas: Lyotard, Vattimo, etcétera, tienen vigencia, alcances para América Latina?” Diligente historiador das ideias e aferrado perseguidor de um pensamento latino-americano, Ardao responde nestes termos:

Pienso que después de todo, el llamado posmodernismo está destinado a quedar como una fase más de las varias por las que ha pasado la modernidad. No sólo en América Latina, en la propia Europa los pilares capitales de la modernidad siguen firmemente en pie: desde la fundamentación matemática del saber científico-natural y la emancipación de la razón filosófica, hasta la secularización religiosa y el liberalismo político. Tema es éste que mucho importaría esclarecer en el ámbito filosófico de nuestra América.²

Embora conclua sua ponderação, apontando para a necessidade de esclarecimento e deixando o tema aberto para discussão, a resposta do filósofo uruguaio é cabal: seja na Europa, seja na América Latina, o edifício ideológico que abriga a visão de mundo e a filosofia da história tributárias da modernidade mantêm suas estruturas inabaladas, apesar dos cismas, reformulações e reinvenções por que tem passado. E é a partir de suas reflexões que nos perguntamos qual o sentido de se falar de modernidade em pleno século XXI. Nosso objetivo, neste artigo, é analisar o conceito de modernidade e a sua pertinência para a compreensão da realidade sócio-cultural da América Latina e, de modo mais específico, do Brasil.

Alguns passos têm que ser trilhados antes de darmos a conhecer a nossa resposta a esta ponderação. O primeiro deles sendo o que entendemos por modernidade.

O conceito de modernidade

Alain Touraine é um dos muitos autores que trabalham com o tema da modernidade, do qual nos utilizamos para melhor compreender o conceito. Na sua obra

² ARDAO, Arturo. Entrevista a Arturo Ardao. *Cuadernos Americanos*, México, nº 36, vol. 6, año VI, noviembre-diciembre 1992, pp. 112-115.

Crítica da Modernidade o autor procura responder, entre outras questões, o que vem a ser a modernidade:

[...] a idéia de modernidade [...] foi a afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, [...] a tecnologia ou a administração, a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se liberar de todas as opressões.³

Touraine também esclarece que “a modernidade rompeu o mundo sagrado que era ao mesmo tempo natural e divino, transparente à razão e criado.”⁴ O sociólogo francês alerta, ainda, que a modernidade “não é mais pura mudança, sucessão de acontecimentos; ela é difusão dos produtos da atividade *racional*, científica, tecnológica, administrativa.”⁵ O autor igualmente acentua a ascensão do indivíduo e, conseqüentemente do individualismo, que passou a imperar com a modernidade.

De maneira muito semelhante se pronuncia Zigmunt Bauman sobre tal questão ao explanar sobre a sociedade ocidental dos dias atuais. Acompanhemos aqui as suas palavras: “dispor os membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna.”⁶ Assim, tanto Touraine quanto Bauman acentuam a ascensão do indivíduo na sociedade como uma das marcas da modernidade.

Outro autor que nos foi útil para o entendimento da conceituação da modernidade foi Marvin Perry. Segundo ele, desde o início dos tempos modernos, ocorreu o crescimento da economia de mercado capitalista, cujo foco principal era o indivíduo “autosuficiente, diligente, de espírito prático e motivado por interesses pessoais”, e nos mostra que “o marco do mundo moderno é o Estado nacional e territorial, considerado também a principal unidade política do mundo moderno.”⁷ De modo análogo se pronuncia Bauman, ao relatar na sua obra *Vida Líquida*: “a modernidade também endeusou e encantou a ‘nação’, a nova autoridade.”⁸ Para o sociólogo polonês, a modernidade, “tendo derretido tudo que era sólido e profanado tudo que era sagrado, [...] introduziu a era da permanente desarmonia entre as necessidades e as capacidades.”⁹

³ TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 09.

⁴ TOURAINE, op. cit., p. 12.

⁵ Idem, p.17. Grifo dos autores.

⁶ BAUMAN, Zigmunt. *A Sociedade Individualizada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 62.

⁷ PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental - Uma História Concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 229-248.

⁸ BAUMAN, Zigmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 61.

⁹ Idem, *A Sociedade Individualizada*, pp. 79-80.

Ainda que a secularização tenha sido um dos signos fundadores da modernidade, os “iconoclastas, hereges e profanadores” que dinamitaram os pilares das antigas mitologias inventaram seus próprios totens. Em anotações esparsas, Walter Benjamin escreveu que “é preciso ver no capitalismo uma religião.”¹⁰ A modernidade, em sentido amplo, é o que distingue o presente do passado pela variedade de profundas rupturas que gerou. A nova classe em ascensão, a burguesia, guardiã de alguns dos valores que cimentaram as ideologias modernas, imolou o coletivismo das velhas sociedades orgânicas, baseadas no costume e na fé cristã, e passou a cultuar novas divindades: a ciência, o progresso e o individualismo. Em lugar das antigas certezas surgiram dúvidas, em lugar do homem resignado e piedoso surgiu o homem inquieto e especulativo. O torpor voluptuoso substituiu a ascese. As mudanças nas estruturas de sensibilidade, desencadeadas pelo desaparecimento do mundo equilibrado e ordenado que a exegese bíblica e a autoridade eclesiástica legitimavam e reforçavam, provocaram reações; a perplexidade e o assombro não foram as maiores entre elas. Conforme relata José Maurício Domingues,

[...] a modernidade “desencaixou” as pessoas de suas formas de vida mais circunscritas e mudou inteiramente o espaço-tempo em que suas vidas se desenvolviam [...] A modernidade implicou um processo de complexificação da vida social, atravessada por um impulso rumo à diferenciação. O nacionalismo [surgido no bojo do sistema de Estados nacionais resultante da Paz de Westfália] proveu uma contratendência: a desdiferenciação da identidade coletiva mediante uma homogeneização da nação que assim emergiu, fazendo nascer um novo foco para investimento catético, psicológico.¹¹

Talvez, a maior reação aos “desencaixes” provocados pela modernidade de que nos fala Domingues tenha sido o crescimento do apelo da necessidade de pertencimento ora a uma classe, ora a uma nação. Por sua vez, essa necessidade de pertencimento gerou uma profusa produção historiográfica aferrada ao estudo das origens. É possível que a fixação ao tema das origens tenha sido decorrente de um sentimento nostálgico, de um apego à lembrança de um mundo com fronteiras existenciais e espirituais bem delimitadas, alimentado por convicções e crenças bem claras. O homem burguês, ávido por pertencer a uma nova unidade estruturante, tornou-se sequioso de suas origens. Se esta nova unidade estruturante que surgiu para substituir a anterior foi o Estado nacional, possivelmente a insistência no estudo das origens da nação tenha manifestado

¹⁰ BENJAMIN, Walter apud LÖWY, Michael. “O capitalismo como religião”. Publicado na *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, domingo, 18 de setembro de 2005.

¹¹ DOMINGUES, José Maurício. O nacionalismo nas Américas do Sul e Central. In: *Aproximações à América Latina – Desafios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 111.

a insuficiência de uma instituição jurídica para preencher o vazio existencial gerado pela implosão do mundo antigo.

Para Domingues, “[...] a modernidade se constitui como uma civilização planetária em processo de constante desenvolvimento e evolução.”¹² Por sua vez, Jessé Souza demonstra que o mundo moderno tem definido pelo menos três instituições fundamentais, assim caracterizadas: um Estado racional e centralizado, um mercado competitivo e uma esfera pública.¹³ Outro autor brasileiro que trata do tema é Sergio Tavolaro, ele também aponta (tal como Souza) que o “padrão de sociabilidade moderno” pode ser detectado em torno de “três pilares fundamentais” assim descritos: diferenciação/complexificação social, secularização e separação entre público e privado.¹⁴

Assim, o que procuramos destacar acima é que a modernidade impõe algumas premissas, entre elas: a secularização das instituições e da sociedade, a ênfase na racionalização e na procura do novo, a tecnologia, a emergência do indivíduo (e do individualismo), um mercado competitivo e um Estado centralizado.¹⁵

Definido o conceito, podemos agora analisar se ele ainda continua válido, principalmente para a América Latina.

No século XXI, ainda se pode falar em modernidade?

Antes de passarmos para o tópico principal da nossa reflexão, gostaríamos de acentuar um ponto que consideramos fundamental nas ponderações feitas pelos autores acima citados. Apesar de eles discordarem sobre alguns aspectos relacionados ao processo modernizante que se está vivendo em cada parte do mundo, como a

¹² DOMINGUES, José M. *Criatividade Social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999, p. 149.

¹³ SOUZA, Jessé. *A Construção Social da Subcidadania*. Para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. O autor apresenta estes termos na p. 93 e 185.

¹⁴ TAVOLARO, Sérgio. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 59, vol. 30, out. 2005, p. 06. Neste artigo, o autor matiza o conceito de modernidade e não concorda totalmente com estes “pilares” de detecção da modernidade nas diversas sociedades, mas mesmo assim destacamos suas palavras por bem exemplificarem o que se quer abordar neste tópico, i.e, de qual conceito de modernidade estamos falando.

¹⁵ Apesar de não considerarmos correto hierarquizar ou mesmo julgar o estágio de modernidade de um país por estas premissas, acreditamos que elas devem estar presentes de alguma forma para se configurar a modernidade em suas fronteiras.

nomenclatura e a intensidade, concordam que a modernidade aconteceu e continua acontecendo em ambos os hemisférios do nosso planeta.

Um exemplo dessa constatação pode ser encontrado nas explicações de Jesús Martín-Barbero, um dos autores que tratam da questão da modernidade no hemisfério sul e, de modo mais específico, na América Latina. No seu estudo, o autor acentua a necessidade de se entender as peculiaridades da modernidade em cada parte do mundo sem se ater a preconceitos e idéias preconcebidas que hierarquizam o processo e fazem com que muitos estudiosos considerem a modernidade latino-americana como falha ou incompleta. Segundo ele, a modernidade nesta parte do planeta “se realiza na *descentralização* das fontes de produção da cultura [...] na *secularização e internacionalização* dos mundos simbólicos, na fragmentação das comunidades e sua conversão em públicos segmentados pelo mercado.”¹⁶

Analisando o caso brasileiro, outros autores tais como José Mauricio Domingues, Sérgio Tavolaro e Jessé Souza também se preocupam em explicar a modernidade e verificar a sua aplicabilidade para o nosso país. Como já salientamos no item anterior Domingues acredita que atualmente a modernidade pode ser caracterizada a partir de três tendências-mestras, por ele assim descritas: o Estado centralizado, um mercado capitalista e um público consumidor. Portanto, seguindo essas características, acreditamos que o Brasil também se insere integralmente nos paradigmas que regem a modernidade. Afinal, temos um Estado nacional sacramentado, uma economia forte e atuante e uma sociedade, baseada no mercado capitalista, ora inclinada ao arrivismo, ora ao consumismo.

Deixando de lado as questões, levantadas pelos autores, sobre o início da modernidade na América Latina, e concentrando-nos na tentativa de saber se o conceito de modernidade ainda faz sentido em pleno século XXI, nos aventuraríamos a dar uma resposta afirmativa. Levamos em conta as ponderações feitas por José Maurício Domingues, quando explicita que “a modernidade [...] ainda é o horizonte do presente.”¹⁷ E também as conclusões de Tavolaro, ao no alertar no seu artigo de que devemos: “[...] compreender a modernidade no momento em que ela se torna elemento central da globalização.”¹⁸ Esta também parece ser a conclusão a que chega Jesús

¹⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesús. Projetos de Modernidade na América Latina. In: DOMINGUES, José Mauricio (org.). *América Latina Hoje – Conceitos e Interpretações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 26. Grifo dos autores.

¹⁷ DOMINGUES, José M. *Criatividade Social...*, p. 143.

¹⁸ TAVOLARO, op. cit., p.12.

Martín-Barbero, pois, ao falar sobre a crise da modernidade tomando como perspectiva de análise a América Latina, o autor não nega a modernidade nesta parte do mundo, somente a diferencia da ocorrida na Europa e EUA.

Diante de tais argumentos, acreditamos assim ser correto afirmar que a modernidade ainda faz sentido, principalmente levando-se em consideração as sociedades latino-americanas. De forma que a modernidade, na América Latina, ainda é o campo de atuação da vida social, afinal nossas sociedades permanecem regidas pelas instituições fundadoras e basilares da modernidade: o Estado de Direito, o mercado capitalista, inserido na dinâmica da Revolução Científico-Tecnológica, cada vez mais competitivo e em constante e desenfreada busca de novos consumidores (tal como relata Bauman, em *Vida Líquida*) e o paroxismo do individualismo. Ademais, o frenesi tecnológico transforma instantaneamente o novo em matéria ultrapassada e descartável. Até mesmo a busca pelo sentido da vida e o (re)surgimento de seitas religiosas (com suas promessas de dar um “norte” para a vida humana) parecem se encaixar no diapasão dos valores que erigiram a modernidade.

Para esta discussão, não nos interessou saber se a modernidade que se instaurou por estes lados do globo é considerada periférica, central, incompleta, ou mesmo se estamos na terceira fase da modernidade, na pós-modernidade ou ainda na modernidade líquida ou numa semi-modernidade, mas tão somente o que é esta dita modernidade. O que procuraremos esclarecer a seguir é o alcance e o futuro de tal conceito na América Latina.

A modernidade na América Latina é possível?

Retomando agora as palavras de Arturo Ardao, que iniciaram nossa reflexão, acreditamos que há um horizonte para o qual a modernidade aponta e não faltam profetas ciosos de formular argumentos bem fundamentados para descortiná-lo. Para o filósofo uruguaio, essa meta ou *télos* é a democracia. Afinal, quer na Europa, quer na América Latina, as sociedades permanecem atadas ao afã de conquistá-la, ora no seu registro liberal, ora no seu matiz socialista ou social-democrata. Mito, falácia, utopia, “plebiscitária” ou “cesarista”, a democracia persiste eivada de paradoxos, como objetivo civilizatório incontornável. Quando Ardao sustenta que os pilares capitais da

modernidade seguem em pé, tanto na Europa como na América Latina, parece correto afirmar que ele também se refere à democracia.

A despeito das idiossincrasias que diferenciam os percursos da história política latino-americana, seus caudilhismos, populismos, gorilismos, bonapartismos ou coisa que o valha, os ideais democráticos perduram como princípios pétreos na deontologia política do subcontinente, como atesta a observação do diplomata e ensaísta José Guilherme Merquior:

O mito de uma América Latina não-ocidental, em particular, mais parece obra de uma estratégia de recusa alimentada por ressentimento – recusa de algo que nos esforçamos para obter e, contudo, sempre fracassamos em alcançar, a saber, um lugar e uma parcela do mundo moderno, liberal e democrático. Em suma, um universo identificado com o Ocidente. Parece que perdemos o trem da história e, em conseqüência, reagimos desprezando a modernidade. Ame-a ou deixe-a.¹⁹

A proposição de Merquior, embora pertinente, não escapa das armadilhas da aporia. A própria conclusão de seu argumento, quando lança o dilema bem marcado pela disjuntiva, sucumbe à falácia bifurcação que parece acossar o pensamento social brasileiro e latino-americano desde o momento em que ele começou a balbuciar, afogando seus esforços interpretativos em contradições. Enquanto um férreo liberal como Merquior deixa transparecer em seus argumentos uma certa dosagem da síndrome do bovarismo intelectual, que tanto apelo exerce sobre as mentes dos setores liberais vernáculos, não seria difícil supor que um fino ensaísta de esquerda teceria uma réplica, cujas fórmulas adquiririam contornos mais ou menos deste gênero: nós, os progressistas latino-americanos, devemos assumir o compromisso histórico e inadiável de esconjurar todo resquício deletério de eurocentrismo de nossas reflexões, a começar pela mudança do nome da América Latina, que doravante deve apresentar-se às nações do mundo como *Abya Ayala*.²⁰

Ainda que essa fórmula, tantas vezes solenemente repetida, possa soar aqui como um chiste, revela muito bem os paradoxos do nacionalismo identitário latino-americano, avesso em alguns momentos à incorporação de valores modernos, frequentemente considerados ameaças à soberania da cultura local. Logo em seguida, Merquior acrescenta: “Para falar com seriedade: nossa maneira pertinaz e específica de desejar a modernidade simplesmente reflete nossa filiação ao Ocidente. De fato, somos

¹⁹ MERQUIOR, José Guilherme. O Outro Ocidente. In: *Guia de Estudos para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata*. Brasília: FUNAG, 2003, p. 16.

²⁰ Nome pelo qual a América Latina é chamada pelos povos originários.

uma modificação e uma modulação original e vasta da cultura ocidental.”²¹ Acreditamos que a questão da modernidade brasileira e latino-americana deveria abandonar o cinturão do impasse “ame-a ou deixe-a”, uma falácia do tipo pensamento preto e branco. Seria contraproducente insistir na redução dos projetos históricos latino-americanos à nostalgia idílica do mundo pré-colombiano ou ao pavor refratário à absorção dos valores da modernidade de Próspero, Ariel ou Caliban.²²

A história é dialética e não-linear e por isso seu entendimento será sempre um tremendo desafio. A modernidade brasileira e latino-americana não é resultado de uma mera “modulação ou modificação” relativas apenas à cultura ocidental.

Merquior, contudo, não resvala na lógica para a qual Jesús Martín-Barbero chama a atenção: “a lógica pela qual nossas sociedades são irremediavelmente exteriores ao processo da modernidade e a sua modernidade só pode ser deformação e degradação da verdadeira.”²³ Seus termos não são eufemismos que escondem essa lógica que pinta a modernidade do hemisfério sul como “efeito da paródia de uma plenitude”. A nosso ver, a fragilidade, na análise de Merquior, reside na alusão ao Ocidente como referente exclusivo, como se não houvesse outros. Sob o influxo da dialética, nossa modernidade é a manifestação de uma diferença mesmo, de um modo de ser e de estar próprios, de uma levedura misturada, produzida por muitas culturas. Por conseguinte, pode ser construtivo “perceber a pluralidade e a descontinuidade das temporalidades que atravessam nossa modernidade”, conforme argumenta Jesús Barbero.²⁴ Haveria benefícios notáveis em pensar os problemas socioculturais do hemisfério sul na moldura de um paradigma de modernidade entesourado, partido, plural.

À guisa de uma conclusão

Por mais tentadora que se apresente a ideia de nivelar as peculiaridades das diversas sociedades em leis universais e homogêneas, o risco que se corre em negligenciar aspectos fundamentais e diferenciadores da formação histórica do crisol

²¹ Idem.

²² Alusão a metáforas recorrentes nos ensaios de interpretação da América Latina, em especial, no *Ariel*, escrito pelo uruguaio José Enrique Rodó e publicado em 1900. *Nuestra América*, do cubano José Martí, e *Raza Cósmica*, do mexicano José Vasconcelos, compõem com *Ariel* o que a historiografia costuma designar como a tríade identitária latino-americana.

²³ MARTÍN-BARBERO, op. cit., pp. 22-23.

²⁴ Idem.

das nações é imponderável. É preciso ter em conta que os povos se inventam, constroem tradições. O tempo histórico produziu na América Latina uma modernidade policromática, irisada, e na própria Europa também. O redemoinho histórico não costuma gerar uniformidades. Como insiste José Maurício Domingues,

[...] é mister sublinhar que a *contingência histórica* deve se achar no centro de qualquer discussão da modernidade. Se podemos empiricamente verificar a mundialização da modernidade, que em si mesma é em parte fruto da globalização, não cabe supor sua necessidade e uniformidade (*a priori ou a posteriori*) quando a conceituamos: ela forja-se historicamente de forma multifacetada e é esta multiplicidade de faces que precisamos teorizar, com suas homogeneidades e diferenças.²⁵

Uma melhor inserção internacional tanto do Brasil como dos outros países da América Latina, nos moldes do sistema socioeconômico dominante, advém da consolidação dos valores democráticos e do Estado de Direito, não apenas formalmente, mas *de facto*. A “paz democrática” está longe de ser a “paz perpétua” que o “tritura mundo” de Königsberg pressentiu quando vaticinou a “unificação universal da humanidade”.²⁶

O bem-estar social de meia-dúzia de nações não pode implicar a precariedade social de uma miríade de outras. Para abandonar o seu estágio de menoridade e dar o seu “passo da montanha”, de acordo com a expressão de Reinhard Koselleck, o hemisfério sul, em especial o Brasil e a América Latina, modernos à sua maneira, devem adquirir poder no concerto das nações. Para estar entre os fortes, devem fazer-se também fortes. O crescimento econômico seguramente pode ajudar a cimentar uma inserção soberana no cenário internacional. Mas, ao contrário do que muitos querem acreditar, a economia não é panacéia redentora. Projetos modernizadores alicerçados apenas em anseios de prosperidade econômica continuarão a multiplicar e produzir anomalias sociais. Será preciso, antes, no caminho da construção de uma “modernidade substantiva” no hemisfério sul, superar o aterrador “déficit democrático” de suas sociedades engolfadas em esmagadoras iniquidades e preencher os vazios de suas instituições políticas e jurídicas deterioradas.

Para o que foi proposto, somente gostaríamos de destacar que estamos vivendo ainda sob a efígie/égide da modernidade e de seus conflitos. Concluímos, assim, com

²⁵ DOMINGUES, op. cit, p. 167.

²⁶ Referência ao conceito de *Allgemeine Vereinigung der Menschheit* (Unificação Universal da Humanidade), sugerido por Kant.

uma frase de Bauman que bem ilustra o que se quis aqui defender: “O romance moderno certamente não terminou – apenas mudou de forma.”²⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDAO, Arturo. Entrevista a Arturo Ardao. *Cuadernos Americanos*, México, nº 36, vol. 6, año VI, noviembre-diciembre 1992.

BAUMAN, Zigmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zigmunt. *A Sociedade Individualizada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter apud LÖWY, Michael. “O capitalismo como religião”. Publicado na *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, domingo, 18 de setembro de 2005.

DOMINGUES, José M. *Criatividade Social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

DOMINGUES, José Maurício. O nacionalismo nas Américas do Sul e Central. In: *Aproximações à América Latina – Desafios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Projetos de Modernidade na América Latina. In: DOMINGUES, José Mauricio (org.). *América Latina Hoje – Conceitos e Interpretações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MERQUIOR, José Guilherme. O Outro Ocidente. In: *Guia de Estudos para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata*. Brasília: FUNAG, 2003.

PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental - Uma História Concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUZA, Jessé. *A Construção Social da Subcidadania*. Para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

TAVOLARO, Sérgio. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 59, vol. 30, outubro de 2005.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

²⁷ BAUMAN, *A Sociedade Individualizada...*, p. 94.